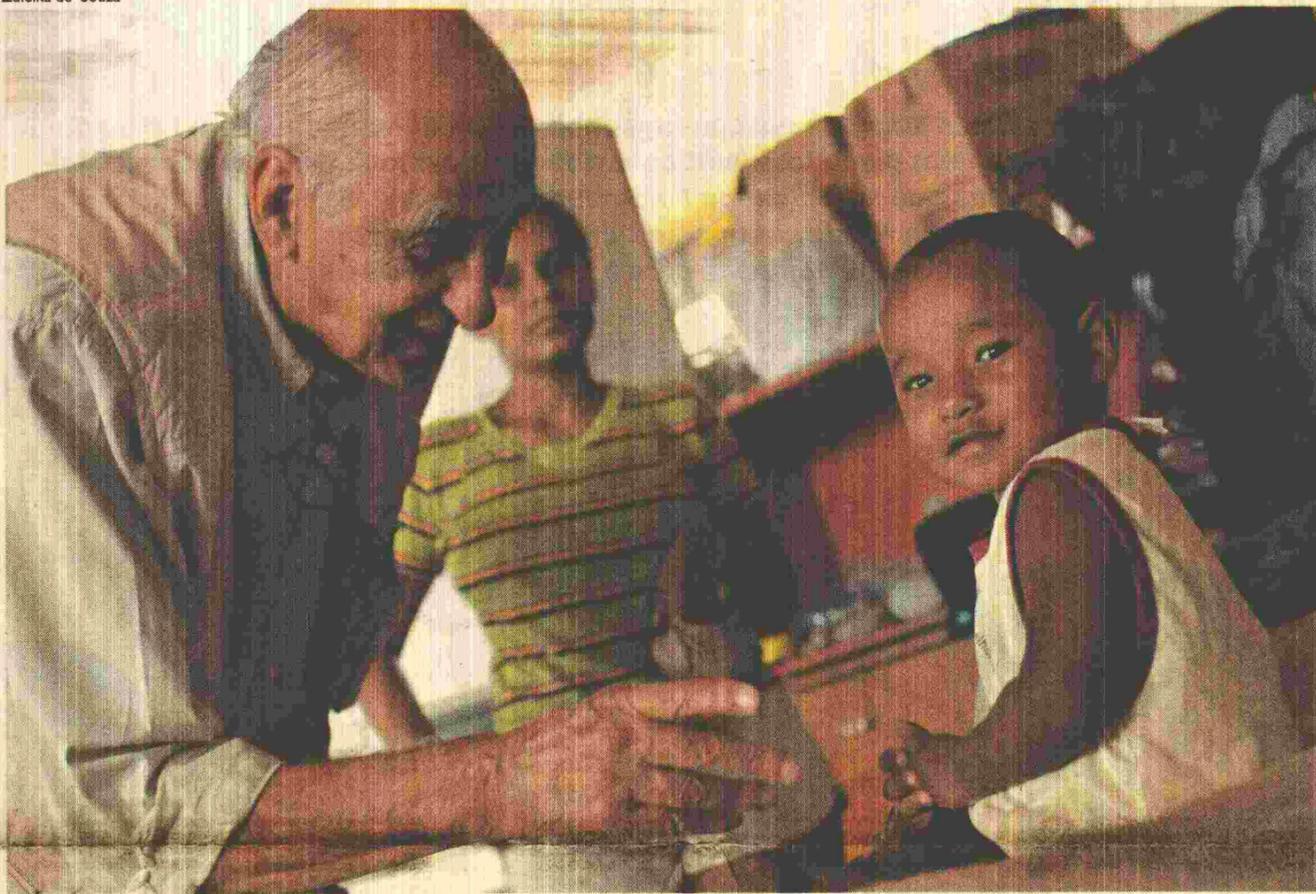


# ZUENIR VENTURA

A Brasil Telecom patrocina o Circo Teatro Udi Grudi, a Alaya Cia de Dança e o Festival Brasil Telecom de Teatro na Escola, importantes estímulos à cena artística brasileira.

## O OVO DA SERPENTE

Zuleika de Souza



**U**ma Brasília que não aparece nos cartões-postais, que não frequenta palácios, que é feia, pobre e vive entregue à própria sorte — essa a cidade que propus a Carlos Marcelo, editor-executivo do *Correio*, visitar para descrevê-la por ocasião do 44º aniversário da capital. Seria um olhar sobre o que está encoberto pelo esplendor do óbvio, uma visão do outro lado do paraíso, do avesso da capital da qualidade de vida. Para realizar a tarefa, eu acompanharia alguém da reportagem numa cobertura rotineira.

Foi, portanto, com a disposição de um jovem profissional que este velho escriba desembarcou aqui no último dia 13, depois de um vôo tendo como companheiro de viagem ninguém menos que Waldomiro Diniz. Não chegou a ser um bom começo, não apenas pela companhia, mas por ter perdido a chance de levar para a redação uma matéria exclusiva: “Waldomiro sentou-se, pegou o jornal, dormiu e roncou, babando a gravata”. Qualquer coisa assim. O problema é que só soube da presença do ilustre viajante ao descer do avião e encontrar a imprensa à sua espera. Quer dizer, a notícia viajou quase sentada ao meu lado e eu não vi!

Me apresentei ao jornal no dia seguinte de manhã para a minha primeira missão. Na véspera, tinha havido duas manifestações de protesto, provocando um engarrafamento que durou até a hora de minha chegada: uma de catadores de lixo na via Estrutural e outra de desabrigados na região da Fercal. Nesta última, a polícia usara de violência, ferindo cinco manifestantes com espada. É para lá que fomos, atrás dos feridos.

Acompanhado de três colegas cujas idades somadas talvez não dessem a minha, parti todo animado para o local onde se dera o confronto. Estava aflito para conhecer a região, que reúne 14 comunidades rurais e semi-urbanas. Mas logo à frente fomos parados num posto policial. Os companheiros de trás não estavam usando cinto de segurança. O curioso é que, enquanto o sargento preenchia o talão de multa, passaram pelo menos três carros com os passageiros na mesma situação, sem serem incomodados. Mas, enfim, estávamos sem razão.

O clima de brincadeira da viagem terminou quando chegamos ao centro comunitário do bairro Engenho Velho, onde há dois meses se encontravam abrigadas 11 famílias, ou 49 pessoas, em condições precaríssimas: sem privacidade, com cobertores pendurados fazendo a vez de paredes, comendo apenas feijão, arroz e fubá. O único banheiro estava entupido. Me senti em casa, achei que estava no Rio de Janeiro, até por aquela solidariedade tão comum entre os pobres e tão rara entre a gente. Lucineide, mãe de um menino de 9 anos, cuida dos quatro filhos de uma colega que trabalha fora. Alguém da nossa classe se imagina tomando conta de tantos filhos dos outros?

Maria Ferri, a repórter que eu acompanhava, entrevistou-a: “Temos de ter pa-

ciência para conviver em meio a tanta gente. Há estresse, discussões, a criança-da briga”. O que mais comovia eram as crianças — sem um brinquedo, uma bola, nada para passar o tempo. Em especial Vinícius, de 2 anos. Sentado, olhava para nós com um certo espanto, mas sem chorar. Quando Zuleika o fotografou, ele sorriu. Depois, pegou meu gravador e colocou na altura dos olhos como se fosse uma máquina fotográfica. Em seguida, avistou Edilson fotografando também, e acho que chegou a fazer pose. Tão carente de afeto, tinha um olhar triste ao nos ver indo embora.

Saímos com o coração meio apertado, e eu fiquei repetindo para mim a pergunta que me persegue no Rio: o que estamos fazendo com nosso futuro? O que será do Brasil daqui a 10, 15 anos se não dermos condições aos milhões de Vinícius de se tornarem cidadãos? Chovia, andamos por caminhos de lama, quase nos atolamos, paramos nas vendas e botequins para perguntar pelos feridos. Não os encontramos, estavam trabalhando.

Voltamos à redação, onde Carlos Marcelo e Ana Dubeux, a editora-chefe, me prepararam um choque cultural. Depois de uma manhã no atoleiro, um almoço no Piantella. Nunca tinha ido ali de dia, só à noite. Achei que estaria meio vazio. Quando a porta se abriu, levei um susto. Estava superlotado. Fantasiado de repórter, com marcas de lama na calça e um daqueles coletes que guardam gravador, caderno, celular e até garrafa d’água, acredito que, se não estivesse tão bem acompanhado, teria sido barrado e devolvido à Fercal.

Enquanto aguardávamos uma mesa, passei a observar o lugar. Devia estar ali uma boa parte da elite de Brasília. Com certeza, muitos representantes do povo. Será que aquelas pessoas falantes, animadas, faziam idéia do que ocorre ali perto, em volta da cidade com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano do país? Será que imaginavam o que é comer todo dia feijão, arroz e angu, quando comiam? Algumas notícias do dia deveriam inquietá-los: “Medo no Lago Sul, aumenta a criminalidade”, “Governo anuncia medidas para conter a violência”, “Dia de fúria: Protestos deixam trânsito caótico”.

Depois do almoço, me dirigi à via Estrutural, que na véspera fora interditada com barricadas de pneus velhos queimados. Já estava a caminho do aterro sanitário, tínhamos passado por enormes poças d’água, vencido o lamaçal, quando recebemos da redação uma ordem para voltar. Pouco antes, um carro do *Correio* sofrera ali uma tentativa de apedrejamento.

Me lembrei então do Rio de Janeiro da década de 50, dos anos dourados, quando a cidade maravilhosa, feliz e despreocupada, acreditava ser um paraíso em que ricos e pobres se olhavam sem ódio ou medo. Dos morros só se ouvia o som das cuícas e dos tamborins. Não se percebia que havia um ovo de serpente chocando naquele paraíso. Quando foi acordada de seu sonho pelos tiros de AR-15, já era tarde, era uma cidade irremediavelmente partida. Passei pouco tempo aqui, posso estar enganado, mas levo a ligeira impressão de que a ilha da fantasia precisa acordar de sua indiferença, antes que se abra o ovo da serpente.

*Zuena Ventura*